

TAYLOR
JENKINS REID

Depois do Sim

«A premissa intrigante e as personagens bem concebidas contribuem para uma história emocionalmente revigorante e inspiradora.»

Booklist



*À Mindy Jenkins e ao Jake Jenkins
(Que seja esta a última palavra sobre quem
tem os melhores pés da família.)*

flagrante, *adj.*

E ali estava eu a ver-te sair da casa de banho com a certeza de não teres tapado a pasta de dentes.

Dicionário dos Amantes

primeira parte



O QUE ACONTECE ÀS
COISAS BOAS?

Where does the good go?

Estamos no parque de estacionamento do Dodger Stadium e, mais uma vez, o Ryan não se lembra de onde deixámos o carro. Estou farta de dizer que está no Parque C, mas ele não acredita em mim.

— Não — diz, pela décima vez. — Lembro-me especificamente de virar à direita quando chegámos, não à esquerda.

Está extremamente escuro e o caminho à nossa frente iluminado apenas por postes decorados com enormes bolas de baseball. Olhei para a placa quando estacionámos.

— Lembras-te mal — digo, num tom de voz claro e irritado. Já estamos aqui há muito tempo e eu detesto o caos do Dodger Stadium. Está uma noite quente de verão, o que agradeço, mas são dez horas da noite e, enquanto os outros adeptos abandonam as bancadas, nós tentamos atravessar um mar de camisolas azuis e brancas. Estamos nisto há quase vinte minutos.

— Não me lembro mal — diz ele, caminhando à minha frente, sem se dignar a olhar para trás enquanto fala. — Tu é que tens má memória.

— Ah, estou a ver — digo, em tom de gozo. — Só porque perdi as chaves hoje de manhã, de repente sou uma idiota?

Ele vira-se e olha para mim; aproveito o momento para tentar alcançá-lo. O parque de estacionamento é acidentado e íngreme. Eu sou lenta.

— Sim, Lauren, foi exatamente isso que eu disse. Disse que eras uma idiota.

— Praticamente. Disseste que sabias o que estavas a dizer, como se eu não soubesse.

— Ajuda mas é a encontrar a porcaria do carro, para podermos ir para casa.

Não respondo. Limito-me a segui-lo, enquanto ele se afasta cada vez mais do Parque C. Ele querer ir para casa é um mistério para mim. Nada disto será melhor em casa. Há meses que é assim.

O Ryan vai percorrendo um círculo longo e amplo, subindo e descendo os declives do parque de estacionamento do Dodger Stadium. Sigo-o de perto, aguardando ao seu lado nas passadeiras, atravessando ao seu ritmo. Não falamos. Penso no quanto me apetece gritar com ele. Também penso no quanto me apeteceu gritar com ele ontem à noite. Penso no quanto me apetece, provavelmente, gritar com ele amanhã. Imagino que ele estará a pensar mais ou menos a mesma coisa. E, no entanto, o ambiente entre nós está absolutamente calmo, sem a interferência do nosso pensamento. Ultimamente, é frequente as nossas noites e fins de semana estarem carregados de tensão, que apenas se dissipa ao dizermos adeus ou boa noite.

Depois de os primeiros magotes de pessoas saírem do parque de estacionamento, torna-se bastante mais fácil ver onde estamos e onde estacionámos.

— Está ali — diz o Ryan, sem se dignar a apontar para minha informação. Viro a cabeça, seguindo o seu olhar. Ali está ele. O nosso pequeno *Honda* preto.

Precisamente no Parque C.

Sorriso. Não é um sorriso afável.

Ele sorri. O dele também não.

HÁ ONZE ANOS E MEIO

Estava a meio do segundo ano da faculdade. O primeiro foi um ano solitário. A UCLA não foi tão acolhedora como julgava quando me candidatei. Conhecer pessoas era difícil para mim. Ia muitas vezes a casa, aos fins de semana, visitar a família. Na realidade, ia por causa da minha irmã mais nova, a Rachel. A minha mãe e o Charlie, o meu irmão mais novo, eram secundários. A Rachel era a pessoa a quem contava tudo. Era da Rachel que tinha saudades quando comia sozinha no refeitório, e comia sozinha no refeitório mais do que gostava de admitir.

Aos 19 anos, era muito mais tímida do que tinha sido aos 17, acabando o secundário como uma das melhores alunas da turma e com a mão dorida de tanto assinar anuários. A minha mãe passou o meu primeiro ano de faculdade a perguntar-me se queria pedir transferência. Dizia-me constantemente que não fazia mal procurar outro sítio, mas eu não queria. Gostava das aulas.

— Ainda não encontrei o meu ritmo — dizia eu, sempre que ela perguntava. — Mas hei de encontrar. Não tarda.

Senti que começava a encontrá-lo quando arranjei emprego no gabinete de correspondência da faculdade. Na maioria das noites, estávamos só eu e uma ou duas pessoas, uma dinâmica que adorava. Dava-me bem com grupos pequenos. Podia brilhar quando não tinha de me esforçar para ser ouvida. E, depois de alguns meses de turnos no gabinete, já conhecia muitas pessoas. Algumas de quem gostava bastante. E algumas delas gostavam

de mim também. Quando chegaram as férias de Natal desse ano, senti vontade de regressar em janeiro. Tinha saudades dos meus amigos.

Quando as aulas retomaram, tinha um novo horário que me levava a vários edifícios onde nunca estivera. Uma vez que já tinha concluído a maioria das cadeiras obrigatórias, comecei a ter aulas de Psicologia. E, com o novo horário, comecei a cruzar-me com um rapaz em toda a parte. No ginásio, na livraria, nos elevadores do Franz Hall.

Era alto e de ombros largos. Tinha braços fortes, com uns bíceps bem definidos que mal cabiam nas mangas da t-shirt. O cabelo era castanho-claro, o rosto frequentemente marcado pela barba por fazer. Estava sempre a sorrir, sempre a falar com alguém. Mesmo quando o via sozinho, parecia ter a confiança de uma pessoa determinada.

Quando finalmente falámos, eu estava na fila para entrar no refeitório. Vestia a mesma t-shirt cinzenta que usara no dia anterior e, ao vê-lo um pouco mais à frente na fila, ocorreu-me que talvez ele reparasse.

Depois de passar o cartão para entrar, deixou os amigos seguirem e meteu conversa com o tipo que operava a máquina dos cartões. Quando cheguei à frente da fila, ele interrompeu a conversa e olhou para mim.

— Andas a seguir-me? — perguntou, olhando-me diretamente nos olhos e sorrindo.

Fiquei imediatamente envergonhada e pareceu-me que ele percebeu.

— Desculpa, foi uma piada parva — disse ele. — Ultimamente, vejo-te em todo o lado. — Recebi o cartão de volta. — Posso fazer-te companhia?

— Podes — disse eu. Ia encontrar-me com os meus amigos do gabinete de correspondência, mas ainda não os vira. E ele era giro. Foi grande parte da motivação. Ele era giro.

— Onde vamos? — perguntou. — Para que fila?

— Para os grelhados — disse eu. — Se quiseres esperar comigo na fila.

— Ah, isso é perfeito. Estou doido para comer uma tosta de hambúrguer.

— Grelhados, então.

Começámos por esperar na fila em silêncio, mas ele queria muito continuar a conversa.

— Ryan Lawrence Cooper — disse, estendendo a mão. Ri-me e cumprimentei-o. O seu aperto de mão era firme. Fiquei com a impressão de que, se ele não quisesse que o aperto de mão terminasse, não havia nada que eu pudesse fazer. Tal a firmeza da sua mão.

— Lauren Maureen Spencer — disse eu. Ele largou-me a mão.

Imaginara-o calmo e confiante, sério e sedutor, e, de certa maneira, era assim. Mas, conforme conversávamos, parecia hesitar um pouco, sem saber ao certo o que dizer. Este rapaz giro, que me parecera tão mais seguro de si do que eu alguma vez seria capaz, revelava-se afinal... inteiramente humano. Era apenas um rapaz bonito, provavelmente engraçado, e suficientemente à vontade consigo mesmo para parecer que compreendia o mundo melhor do que os outros. Mas não compreendia, na realidade. Era exatamente como eu. E, por isso, passei a gostar dele muito mais do que julgava. E isso deixava-me nervosa. Comecei a sentir borboletas na barriga. Comecei a suar das mãos.

— Olha, podes admitir, não faz mal — disse eu, tentando ter piada. — Afinal, és *tu* quem anda a *seguir-me*.

— Admito — respondeu, retirando rapidamente a afirmação. — Não! Claro que não. Mas reparaste, não foi? Como se, de repente, estivesses em toda a parte.

— *Tu* é que estás em toda a parte — disse eu, avançando na fila. — Eu ando apenas nos meus sítios normais.

— Queres dizer os *meus* sítios normais.

— Talvez estejamos ligados de forma cósmica — brinquei.

— Ou tenhamos horários semelhantes. A primeira vez que te vi foi no pátio, acho eu. Costumo ficar a fazer tempo entre Introdução à Psicologia e Estatística. Deves ter uma aula por volta dessa hora no *campus* sul, não é?

— Sem querer, revelaste duas coisas, Lauren — disse o Ryan, sorrindo.

— Revelei?

— Sim. — Anuiu. — A menos importante é que agora já sei que estás a estudar Psicologia e duas das cadeiras que frequentas. Se andasse a perseguir-te, seria uma mina de ouro.

— Está bem. — Assenti. — Mas, se fosses um perseguidor decente, já saberias essas coisas.

— De qualquer maneira, um perseguidor é um perseguidor.

Chegámos finalmente à frente da fila, mas o Ryan parecia estar a prestar-me mais atenção do que ao facto de estar na altura de pedir. Desviei o olhar apenas o bastante para pedir a minha refeição.

— Para mim pode ser uma tosta de queijo, se faz favor — pedi ao cozinheiro.

— E para si? — perguntou o cozinheiro ao Ryan.

— Uma tosta de hambúrguer, com extra queijo — disse o Ryan, debruçando-se e roçando acidentalmente o meu braço com a manga. Senti um ligeiro sobressalto.

— E a segunda coisa? — perguntei.

— Há? — disse o Ryan, voltando a olhar para mim, perdendo o fio à meada.

— Disseste que revelei duas coisas.

— Ah! — O Ryan sorriu e aproximou o tabuleiro do meu sobre o balcão. — Disseste que reparaste em mim no pátio.

— Certo.

— Mas eu não te vi aí.

— Está bem — disse eu, sem perceber o que estava ele a insinuar.

— Tecnicamente falando, tu reparaste em mim primeiro.

Sorri.

— *Touché* — respondi. O cozinheiro deu-me a minha tosta de queijo. E ao Ryan o seu hambúrguer. Pegámos nos tabuleiros e dirigimo-nos à máquina de refrigerantes.

— Então — disse o Ryan —, como és tu que andas atrás de mim, só me resta esperar que me convides para sair.

— O quê? — perguntei, entre o choque e a vergonha.

— Olha — disse ele —, eu sou muito paciente. Sei que precisas de ganhar coragem, arranjar maneira de falar comigo, fazê-lo parecer casual.

— Hum-hum — disse eu. Peguei num copo e pu-lo sob a máquina de gelo, que roncou e produziu três miseráveis cubos. O Ryan pôs-se ao meu lado e deu-lhe uma pancada. Uma avalanche de gelo caiu-me no copo. Agradei-lhe.

— Na boa. E se fizéssemos assim? — sugeriu o Ryan. — Que tal se eu esperar até amanhã ao fim do dia, às seis horas? Encontramo-nos à entrada do Hendrick Hall. Levo-te a comer um hambúrguer e talvez um gelado. Conversamos. E depois podes convidar-me para sair.

Sorri.

— Parece-me justo — continuou. — Reparaste em mim primeiro. — O Ryan era extremamente sedutor. E sabia-o.

— Está bem. Mas só uma pergunta. Quando estavas ali, na fila — disse eu, apontando para o tipo à entrada —, o que é que lhe disseste? — Perguntei, pois tinha bastante certeza de saber a resposta e queria que fosse ele a dizer.

— O tipo que está a passar os cartões? — perguntou o Ryan, sorrindo, sabendo que tinha sido apanhado.

— Sim, estou curiosa para saber de que falaram os dois.

O Ryan olhou-me nos olhos.

— Eu disse: «Finge que estamos a ter uma conversa. Preciso de fazer tempo até aquela miúda de t-shirt cinzenta chegar aqui.»

O sobressalto que me parecera ligeiro há poucos instantes agora queimava-me o corpo. Incendiava-me. Sentia-o na ponta dos dedos das mãos e nas extremidades dos dedos dos pés.

— Hendrick Hall, amanhã. Às seis horas da tarde — disse eu, confirmando que lá estaria. Mas, nessa altura, acho que ambos sabíamos o quanto eu ansiava por esse momento. Queria que *esse momento* fosse *aqui e agora*.

— Não te atrases — disse ele, sorrindo e afastando-se.

Pousei o copo no tabuleiro e atravessei casualmente o refeitório. Sentei-me sozinha a uma mesa, não me sentindo ainda pronta para ir ter com os meus amigos. O sorriso no meu rosto era demasiado rasgado, demasiado radiante, demasiado promissor.

• • •

Às 17h55 estava à entrada do Hendrick Hall.

Aguardei alguns minutos, fingindo não estar ansiosamente à espera de alguém.

Era um encontro. Um encontro amoroso. Não daqueles encontros em que os rapazes nos convidam para ir com eles e os amigos a uma festa de que ouviram falar na sexta-feira à noite. Nem daqueles em que o rapaz de quem gostávamos no secundário, e que conhecíamos desde o 8.º ano, finalmente nos beija.

Era um encontro amoroso.

O que ia dizer-lhe? Mal o conhecia! E se eu estivesse com mau hálito ou dissesse uma estupidez qualquer? E se o meu rímel esborratasse e passasse a noite inteira sem saber que parecia um guaxinim?

Em pânico, tentei apanhar o meu reflexo numa janela, mas, nesse preciso momento, o Ryan entrou no edifício.

— Uau — disse, ao ver-me. Subitamente, deixei de me preocupar se parecia imperfeita. Deixei de me preocupar com as minhas mãos ossudas ou os meus lábios finos. Pensei antes no brilho do meu cabelo castanho-escuro e na tonalidade cinza dos meus olhos azuis. Pensei nas minhas longas pernas ao ver o Ryan olhar para elas. Estava contente por ter decidido mostrá-las com um vestido curto de malha preta e uma camisola de fecho. — Estás muito bonita — continuou. — Deves gostar mesmo de mim.

Ri-me e ele sorriu. Vestia calças de ganga e uma t-shirt com um casaco da UCLA por cima.

— E tu deves estar a fazer um esforço imenso para não mostrares o quanto gostas de *mim* — disse eu.

Ele sorriu, e foi um sorriso diferente do anterior. Não sorriu por estar a tentar encantar-me. Era *eu* quem o encantava.

E soube-me bem. Soube-me mesmo bem.

• • •

Enquanto comíamos hambúrgueres, perguntámos um ao outro de onde éramos e o que queríamos fazer para o resto da vida. Falámos sobre as aulas. Chegámos à conclusão de que ambos tínhamos tido o mesmo professor de Oratória no ano anterior.

— O professor Hunt! — disse o Ryan, com uma voz quase nostálgica, recordando o velhote.

— Não me digas que gostavas do professor Hunt! — exclamei. Ninguém gostava do professor Hunt. O homem era tão interessante como uma caixa de cartão.

— Como é possível não gostares dele? É simpático. Elogioso! Foi das poucas cadeiras a que tive 19 nesse semestre.

Ironicamente, nesse semestre, Oratória foi a única cadeira a que tive 15. Mas pareceu-me chato dizê-lo.

— Foi a minha pior cadeira — disse eu. — Oratória não é o meu forte. Dou-me melhor com investigação, ensaios, testes de escolha múltipla. Não tenho muito jeito para cenas orais.

Assim que o disse, olhei para ele e senti o rosto a arder. Era uma frase tão constrangedora para dizer num encontro com uma pessoa que mal conhecemos. Fiquei cheia de medo de que ele fizesse uma piada. Mas não fez. Fingiu não reparar.

— Pareces o tipo de rapariga que tem 20 a tudo — disse. Senti-me tão aliviada. Ele pegou num momento extremamente embaraçoso para mim e deu-lhe a volta.

Voltei a corar. Desta vez, por outra razão.

— Safo-me — disse eu. — Mas fico impressionada por teres tido 19 a Oratória. Aquela cadeira não é nada fácil.

O Ryan encolheu os ombros.

— Não me faz confusão falar em público. As grandes multidões não me assustam. Era capaz de me dirigir a uma sala cheia de pessoas e não me sentir minimamente deslocado. As conversas cara a cara é que me deixam nervoso.

Senti-me a inclinar a cabeça para o lado, indicando minha curiosidade.

— Não me parece que fiques nervoso a falar seja em que situação for — disse eu. — Independentemente do número de pessoas.

Ele sorriu e acabou o hambúrguer.

— Não te deixes enganar pelo meu ar de descontração — disse ele. — Sei que sou extremamente atraente e, talvez, o homem mais encantador que já conheceste na vida, mas há um motivo para ter demorado tanto tempo a arranjar maneira de falar contigo.

Este rapaz, que parecia tão fixe, gostava de *mim*. Era *eu* que o deixava nervoso.

Não sei se algum sentimento se equipara ao de descobrir que deixamos nervosa a pessoa que nos deixa nervosos.

Faz-nos sentir corajosos. Faz-nos sentir confiantes. Faz-nos sentir capazes de tudo.

Debrucei-me sobre a mesa e beijei-o. Beije-o no meio de uma hamburgueria, com a manga do casaco a tocar acidentalmente na embalagem de ketchup. Não foi perfeito, de maneira nenhuma. Não fui direta à sua boca. Foi mais ou menos de lado. E foi evidente que o apanhei de surpresa, pois, por instantes, ele ficou imóvel e só depois se deixou levar. Sabia a sal.

Quando me afastei é que realmente percebi o que acabara de fazer. Nunca beijara ninguém por iniciativa própria. Sempre fora eu a *ser beijada*. Sempre *retribuía*.

Ele olhou para mim, confuso.

— Pensei que *eu* é que devia fazer isso — disse.

Sentia-me agora terrivelmente envergonhada. Este era o tipo de situação sobre a qual lera na secção «momentos embaraçosos» da revista *YM* quando era miúda.

— Eu sei — respondi. — Desculpa. Estou tão... Não sei porque é que...

— Desculpa? — exclamou, chocado. — Não, não peças desculpa. É possível que tenha sido o melhor momento da minha vida.

Olhei para ele sem conseguir disfarçar um sorriso.

— Todas as raparigas deviam beijar assim — disse. — Todas as raparigas deviam ser exatamente como tu.

No caminho para casa, puxou-me para todos os recantos e entradas de prédios, beijando-me. Quanto mais nos aproximávamos do meu dormitório, mais longos se tornavam os beijos. Até chegarmos à porta do meu prédio, beijámo-nos durante o que me pareceram horas. Estava frio na rua àquela hora; o sol já se pusera há muito. As minhas pernas nuas estavam geladas. Mas eu não sentia nada a não ser as suas mãos em mim, os seus lábios nos meus. Não pensava em nada a não ser no que estávamos a fazer, na sensação das minhas mãos no seu pescoço, no seu cheiro a roupa lavada e almíscar.

Quando chegou a altura de avançarmos ou de nos despedirmos, afastei-me dele, mas não lhe larguei a mão. Via no seu olhar que queria que o convidasse a subir ao meu quarto. Mas não o fiz. No entanto, perguntei:

— Posso ver-te amanhã?

— Claro.

— Passas aqui e levas-me a tomar o pequeno-almoço?

— Claro.

— Boa noite — disse, beijando-lhe o rosto.

Larguei-lhe a mão e virei-me para me ir embora. Quase parei nesse mesmo instante para convidá-lo a subir. Não queria que o encontro acabasse. Não queria parar de lhe tocar, de ouvir a sua voz, de saber o que diria a seguir. Mas não me virei. Continuei a andar.

Percebi, então, que estava perdida. Estava apaixonada. Sabia que iria entregar-me a ele, desnudaria a minha alma por ele e, se chegasse a esse ponto, deixá-lo-ia partir-me o coração.

Ao entrar sozinha no elevador, disse a mim mesma que não havia pressa.

Quando cheguei ao meu quarto, liguei à Rachel. Precisava de lhe contar tudo. Precisava de lhe contar que ele era tão giro, tão querido. Precisava de lhe contar o que ele me dissera, a maneira como olhava para mim. Precisava de o reviver com alguém que compreendesse a emoção de tudo aquilo.

E a Rachel compreendeu; compreendeu perfeitamente.

— E quando é que vais dormir com ele? É a minha pergunta — disse. — Parece que as coisas ficaram bastante tórridas no meio da rua. Talvez fosse boa ideia definires uma data, sabes? Tipo, não dormires com ele até estarem a namorar há x semanas, dias ou meses. — Desatou a rir. — Ou anos, se quiseses.

Disse-lhe que queria ver o que acontecia naturalmente.

— Isso é uma péssima ideia — disse. — Precisas de um plano. E se dormires com ele demasiado cedo ou demasiado tarde?

Não sentia que *houvesse* um demasiado cedo ou um demasiado tarde. Sentia-me tão confiante em relação ao Ryan, tão confiante em mim mesma, que tudo me parecia infalível. Como se já soubesse que éramos tão compatíveis que nada poderia estragar a nossa relação.

Saber disso fazia-me sentir simultaneamente uma excitação intensa e uma calma profunda.

• • •

Quando finalmente aconteceu, estávamos no quarto do Ryan. O colega dele tinha ido passar o fim de semana fora. Ainda não tínhamos dito um ao outro que nos amávamos, mas era óbvio que sim.

Fascinou-me quão bem ele compreendia o meu corpo. Não precisava de lhe dizer o que queria. Ele sabia. Sabia beijar-me. Sabia onde pôr as mãos, onde tocar, como tocar.

Nunca antes compreendera o conceito de fazer amor. Parecia piroso e artificial. Mas nessa altura percebi. Não é só uma questão de movimento. É a maneira como o nosso coração se avoluma sempre que ele se aproxima. Como a sua respiração parece um lume brando. Como o nosso cérebro se desliga e o coração assume o controlo.

A única coisa que queria era sentir o seu toque, o seu cheiro, o seu sabor. Queria mais dele.

A seguir, ficámos deitados ao lado um do outro, nus e vulneráveis, embora não nos sentíssemos nem uma coisa nem outra. Ele agarrou-me na mão.

— Apetece-me dizer uma coisa, mas não quero que penses que é por causa do que acabámos de fazer — disse ele.

Sabia o que era. Ambos sabíamos o que era.

— Então diz mais tarde — disse eu.

Pareceu desiludido com a resposta, por isso expliquei-me melhor.

— Quando o disseres — afirmei —, di-lo-ei também.

Ele sorriu e ficou um bocadinho em silêncio. Cheguei a pensar que talvez tivesse adormecido. Até que disse:

— Isto é bom, não é?

Virei-me para ele.

— É — disse. — É bom.

— Não — disse ele. — O que nós temos é perfeito. Podemos casar-nos um dia.

Pensei nos meus avós, o único casal que conhecia que ainda era casado. Pensei em como a minha avó, às vezes, cortava a comida para o meu avô quando ele se sentia demasiado fraco para o fazer sozinho.

— Um dia — disse eu. — Sim.

Tínhamos 19 anos.

HÁ ONZE ANOS

Nas férias do verão, o Ryan foi a casa, no Kansas. Falávamos todos os dias. Enviávamos e-mails para trás e para a frente em rápida sucessão, esperando impacientes pela resposta um do outro. Sentava-me na cama à espera de que ele chegasse a casa do estágio e me ligasse. Visitei-o no início do verão, ficando a conhecer os pais e a irmã. Demo-nos todos bem. Pareciam gostar de mim. Fiquei uma semana, durante a qual bebemos as palavras um do outro, e todas as noites o Ryan se esgueirava para o quarto de hóspedes para estar comigo. Quando me levou ao aeroporto e me deixou no controlo de segurança, parecia que me arrancavam o coração do peito. Como seria capaz de dizer adeus? Como seria capaz de entrar num avião e voar tantos quilómetros para longe da outra metade da minha alma?

Tentei explicar tudo isto à Rachel, que também tinha ido passar o verão a casa, no fim do seu primeiro ano na USC. Queixei-me do quanto sentia a falta dele. Mencionei-o em conversa mais do que o relevante. Não pensava noutra coisa. Geralmente, a Rachel respondia aos testemunhos exagerados do meu amor dizendo: «Que bom. Fico muito feliz por ti», e depois fingia vomitar.

Entretanto, o meu irmão, Charlie, acabara de fazer 14 anos e estava prestes a começar o secundário, portanto, não queria ter nada que ver comigo nem com a Rachel. Nesse verão, nem sequer fingia ouvir o que eu dizia. Assim que começava a falar, ele punha os auscultadores ou ligava a televisão.

Poucas semanas depois de regressar da minha visita, o Ryan insistiu em visitar-me. Não importava que os bilhetes fossem caros ou que ele não estivesse a ganhar dinheiro. Disse que valia a pena. Precisava de me ver.

Quando chegou ao LAX, vi-o descer as escadas rolantes com os outros passageiros. Vi-o percorrer a multidão com o olhar até ver a minha cara. Vi-o reconhecer-me. Nesse instante, vi o quanto me amava, quão aliviado estava por voltar a ver-me. E reconheci todas estas emoções porque eu sentia o mesmo por ele.

Veio ter comigo a correr, largando a mala e pegando-me ao colo num só movimento. Rodopiou-me no ar, dando-me o abraço mais apertado da minha vida. Por muito devastada que tivesse ficado ao deixá-lo semanas antes, fiquei igualmente feliz por voltar a estar com ele.

Voltou a pôr-me no chão e agarrou-me no rosto, beijando-me. Por fim, abri os olhos e vi uma mulher mais velha, com filhos, a olhar para nós. Cruzei o meu olhar com o dela por acaso e ela sorriu, desviando timidamente os olhos. A sua expressão revelava que já estivera no meu lugar.

Nesse momento, a minha família juntou-se a nós, depois de finalmente estacionar o carro. Talvez por ser tão evidente eu não querer que viessem, todos insistiram em vir.

O Ryan limpou a mão suada na parte de trás das calças e estendeu a mão à minha mãe.

— Senhora Spencer — disse. — Gosto em vê-la outra vez. — Haviam-se encontrado apenas brevemente, quando a minha mãe foi ajudar-me com a mudança do dormitório.

— Ryan, já te pedi para me tratares por Leslie — disse a minha mãe, dando uma gargalhada.

O Ryan anuiu e apontou para a Rachel e o Charlie.

— Rachel, Charlie, prazer em conhecer-vos. Ouvi muitas coisas boas a vosso respeito.

— Na verdade — disse o Charlie —, preferimos ser tratados por menina e senhor Spencer.

O Ryan decidiu levá-lo a sério.

— Peço desculpa, senhor Spencer, erro meu. Menina Spencer — disse ele, levantando um chapéu imaginário e fazendo uma vénia à Rachel. Depois estendeu um firme aperto de mão ao Charlie.

E, talvez por estar a ser levado a sério, o Charlie decidiu relaxar.

— Pronto, está bem — disse. — Podes tratar-me por Charles.

— Podes tratá-lo por Charlie — exclamou a Rachel.

Dirigimo-nos à zona das bagagens. E, por muito desmancha-prazeres que o Charlie quisesse ser, reparei que não se calou um minuto à conversa com o Ryan durante todo o caminho para casa.

HÁ NOVE ANOS E MEIO

Nas férias da Páscoa do nosso último ano de faculdade, eu e o Ryan decidimos ficar em Los Angeles. Porém, à última hora, a minha mãe descobriu uma promoção nos voos para Cabo San Lucas e decidiu esbanjar. Foi assim que nós os cinco, a minha mãe, a Rachel, o Charlie, o Ryan e eu viajámos até ao México.

Curiosamente, foi talvez o Charlie quem ficou mais entusiasmado com a ideia. Enquanto procurávamos os nossos lugares no avião (eu, a minha mãe e o Ryan de um lado do corredor, a Rachel, o Charlie e um careca esquisito do outro), o Charlie não parava de dizer à minha mãe que 18 anos era a idade legal para consumir bebidas alcoólicas.

— Está bem, querido — disse ela. — Mas isso não altera o facto de teres apenas 16 anos.

— Mas seria menos ilegal — respondeu ele, apertando o cinto de segurança, enquanto os assistentes de bordo andavam para a frente e para trás no corredor. — É menos ilegal embebedar-me no México do que aqui.

— Não sei se há graus de ilegalidade — disse a Rachel, apertando-se no lugar do meio para não tocar no careca, que entretanto adormecera.

— Apesar de a prostituição ser legal no México — disse eu. — Certo? Não é?

— Não para menores de idade — disse o Ryan. — Lamento, Charlie.

O Charlie encolheu os ombros.

— Eu não pareço ter 16 anos.

— A erva é legal no México? — perguntou a Rachel.

— Desculpem lá! — exclamou a minha mãe, exasperada. — Viemos de férias em *família*. Não vos trouxe ao México para se drogarem e irem às prostitutas.

Naturalmente, todos nos rimos dela. Porque estávamos todos a gozar. Pelo menos, achei que sim.

— És demasiado ingénua, mãe! — disse a Rachel.

— Estávamos a brincar — acrescentei.

— Fala por ti! — disse o Charlie. — Eu estava a falar a sério. Talvez me sirvam álcool.

O Ryan riu-se.

Nesse momento, apercebi-me de como o Charlie era tão diferente de mim e da Rachel. E não só em coisas superficiais, como as diferenças entre irmãos e irmãs, alunos do secundário *versus* alunos universitários. Era substancialmente diferente de nós as duas.

Eu e a Rachel tínhamos pouco mais de um ano de diferença. Partilhávamos experiências através de uma perspetiva semelhante. Quando o nosso pai nos deixou, eu tinha quase 4 anos e meio, e a Rachel acabara de fazer 3 anos. A nossa mãe estava grávida do Charlie. Eu e a Rachel podemos não nos lembrar bem do nosso pai, mas ainda passámos algum tempo com ele. Conhecemos a sua voz. O Charlie veio ao mundo conhecendo apenas os braços da minha mãe.

Às vezes, questionava-me se o facto de eu e a Rachel sermos tão próximas, tão importantes uma para a outra, nos impedia de deixar o Charlie aproximar-se. Quando ele nasceu, tínhamos a nossa própria linguagem, o nosso mundo. Mas a verdade é que o Charlie simplesmente não demonstrava grande interesse em nós. Quando era pequeno, ficava no seu mundo, tinha as suas brincadeiras. Não queria fazer as coisas que eu e a Rachel

fazíamos. Não queria falar sobre aquilo de que eu e a Rachel falávamos. Sempre trilhou o seu caminho, rejeitando aquele que lhe destinávamos.

Porém, independentemente das nossas diferenças, era impressionante como nos tornáramos parecidos. O Charlie podia não se assemelhar à Rachel ou a mim no que toca ao temperamento ou à personalidade, mas, geneticamente, era impossível separá-lo de nós.

Os três tínhamos as mesmas maçãs do rosto salientes. Os três herdámos o cabelo escuro e os olhos azuis da nossa mãe. O Charlie era mais alto e mais esguio, a Rachel mais delicada e graciosa, e eu mais larga e cheia de curvas. Mas era óbvio que éramos família.

O avião levantou voo e começámos a falar de outras coisas. Quando o sinal do cinto de segurança se desligou, a minha mãe levantou-se e foi à casa de banho. Foi então que vi o Ryan debruçar-se sobre o corredor e sussurrar algo ao Charlie. O Charlie sorriu e fez que sim com a cabeça.

— O que é que lhe disseste? — perguntei. O Ryan esboçou um grande sorriso e recusou-se a contar-me. — Não vais dizer-me?

— É entre mim e o Charlie — disse o Ryan.

— Pois — interveio o Charlie. — É um assunto nosso.

— Não podes comprar-lhe bebidas alcoólicas — disse eu. — Era disso que estavam a falar? Porque não podes. — Parecia uma agente da polícia.

— Quem é que falou em comprar bebidas alcoólicas? — disse o Ryan, de forma talvez demasiado inocente.

— Então porque é que não posso saber do que estavam a falar?

— Há coisas que não são da tua conta, Lauren — disse o Charlie, provocando-me.

Fiquei boquiaberta. A minha mãe aproximou-se de nós, ao voltar da casa de banho.

— É verdade! — disse eu, gritando e sussurrando ao mesmo tempo. — Vais embebedar o meu irmão de 16 anos!

A Rachel, finalmente farta da conversa, disse:

— Oh, Lauren, para com isso. O Ryan veio ter comigo e disse: «Bora ver se conseguimos fazer com que a tua irmã se passe sem motivo nenhum.»

Olhei para ele, em busca de confirmação, e ele desatou a rir. O Charlie também.

— Juro — disse a Rachel. — És tão ingénua como a mãe.

HÁ POUCO MAIS DE NOVE ANOS

Acabei o curso *magna cum laude*. Por pouco não fui *summa cum laude*, mas o Ryan passava a vida a dizer para não me preocupar com isso.

— Só quero licenciar-me — dizia. — Não preciso de palavras em latim. E tu muito menos.

Não podia queixar-me do meu futuro. Já tinha um emprego. Aceitara um trabalho no departamento de antigos alunos da UCLA. Não sabia o que queria fazer com o curso de Psicologia, mas, a seu tempo, alguma coisa haveria de me ocorrer. O departamento de antigos alunos parecia-me um sítio fácil e seguro por onde começar.

No dia da formatura, eu e o Ryan ficámos sentados em lados opostos do auditório, portanto, falámos de manhã e depois ficámos a fazer caretas um ao outro durante a cerimónia. Vi a minha mãe no meio do público com a sua enorme câmara, a Rachel e o Charlie ao seu lado. A Rachel acenou-me, fazendo o gesto do polegar para cima. Umas filas atrás, vi os pais e a irmã do Ryan.

Ali sentada, enquanto esperava pelo momento de chamarem o meu nome, ocorreu-me que chegara ao fim de tantas coisas e, mais concretamente, ao início da minha vida adulta.

Eu e o Ryan arrendámos um estúdio em Hollywood. Íamos mudar-nos na semana seguinte, no primeiro dia do mês. Era um apartamentozinho feio, pequeno e escuro. Mas seria nosso.

Na noite anterior, tínhamos discutido sobre que mobília comprar. Ele achava que só precisávamos de um colchão no chão. Mas, uma vez que éramos adultos, eu achava que devíamos ter uma cama. O Ryan achava que só precisávamos de umas caixas de cartão para pôr a roupa; eu insistia que tivéssemos cómodas. A conversa aqueceu. Eu disse que ele estava a ser sovina, que não compreendia o que era ser adulto. Ele disse que eu estava a agir como uma menina mimada, a achar que o dinheiro crescia nas árvores. A discussão tornou-se tão feia que comecei a chorar; ele ficou tão chateado que o seu rosto ficou vermelho.

Depois, sem darmos por isso, chegámos à parte em que ambos admitimos estar errados e implorámos o perdão um do outro com uma paixão inédita desde a última discussão. Connosco era sempre assim. *Amo-te* e *Desculpa*, *Não volto a fazer isso* e *Não sei o que seria de mim sem ti* eclipsavam sempre o motivo da discussão.

Acordámos nessa manhã com um sorriso na cara, abraçados um ao outro. Tomámos o pequeno-almoço juntos. Vestimo-nos juntos. Ajudámo-nos um ao outro com o traje académico.

A nossa vida estava a começar. Estávamos a crescer.

Levantei-me com o resto da minha fila e percorri o caminho até ao palanque.

— Lauren Spencer.

Subi ao palco, apertei a mão ao reitor e recebi o diploma. Pelo canto do olho, vi o Ryan. Tinha na mão um cartaz tão pequenino que só eu conseguia ver. «Amo-te», dizia. E, nesse momento, simplesmente soube que a vida adulta seria incrível.

HÁ SETE ANOS E MEIO

No quarto aniversário do dia em que nos conhecemos, eu e o Ryan fomos acampar para o Parque Nacional de Yosemite.

Termináramos a faculdade há um ano e meio. Eu recebia um salário decente no departamento de antigos alunos. O Ryan também estava a safar-se. Estávamos a tentar alcançar alguma estabilidade financeira, começando a poupar, quando decidimos que uma viagem ao Yosemite não seria uma grande despesa. Pedimos emprestado material de campismo à minha mãe e levámos comida de casa.

Chegámos ao final da tarde de sexta-feira e montámos a tenda. Assim que ficou devidamente montada, o sol começava a pôr-se e estava a ficar frio, por isso fomos dormir. Na manhã seguinte, acordámos e decidimos subir até à catarata de Vernal Fall. O guia turístico dizia que Vernal Fall era uma caminhada difícil, mas a vista do cume era extraordinária. E o Ryan disse:

— Apetece-me ver algo extraordinário. — Calçámos as botas de caminhada e metemo-nos no carro.

Eu sabia que ele tinha telefonado à minha mãe na semana antes da viagem para pedir a sua bênção. Sabia que lhe dissera que tinha comprado um anel. A minha família não guarda segredos. Tentamos, mas ficamos tão entusiasmados que não conseguimos guardar segredo de nada. Escapa-nos, transbordando como um cano roto. Uma parte de mim esperava chegar ao cume de Vernal Fall e vê-lo ajoelhar-se.

No entanto, o guia era bastante enganador. Vernal Fall não era apenas uma caminhada difícil. Parecia impossível. Eu estava sempre a pensar que estava quase a acabar, que estávamos perto do cume. Mas, pela maneira como o trilho serpenteava montanha acima, assim que dobrávamos uma curva, percebíamos que teríamos mais umas horas de esforço pela frente. Havia caminhos traiçoeiros, subidas íngremes, áreas onde não se podia descansar. A dada altura, cortei-me numa das rochas, um corte profundo no tornozelo. Embora estivesse a sangrar dentro da meia, não havia nada que pudesse fazer. Tinha de continuar a andar.

Porém, durante toda a caminhada, havia grupos de pessoas à nossa frente e atrás de nós que pareciam estar na maior. Havia até quem descesse a montanha com um sorriso na cara, pessoas orgulhosas de si mesmas por terem conseguido chegar ao topo. Apetecia-me agarrá-las pelos colarinhos e exigir que me dissessem o que estava por vir. Mas para quê? Se não soubesse o que me esperava, talvez não desistisse.

Passadas duas horas, começámos a subir umas escadas embutidas na montanha, tão precárias e íngremes que o pé não cabia por inteiro nos degraus. Havia uma cascata ali perto e lembro-me de pensar: *Esta cascata é lindíssima, mas não quero saber, estou exausta*. Senti que nunca iria conseguir chegar ao cume da montanha e que a vista, supostamente extraordinária, já não me interessava. Tinha o cabelo colado à testa. A t-shirt ensopada de suor. A cara vermelha como um tomate. Não era assim que queria ser pedida em casamento. E nem sequer sabia se era essa a intenção do Ryan. Começava a parecer que talvez não fosse.

Pensei em perguntar-lhe se queria voltar para trás e, se ele dissesse que sim, talvez não estivesse a estragar nada. Se ele dissesse que não, continuaria. Subiria o resto da montanha e logo veria o que acontecia.

— Queres voltar para trás? — perguntei. — Não sei se aguento mais.

O Ryan, praticamente sem fôlego, caminhava uns degraus atrás de mim. Estava mais em forma do que eu, mas insistia em ficar para trás para me apanhar se eu escorregasse.

— Sim — disse ele. — Está bem.

De súbito, fiquei desolada. Não me dera conta do quanto ansiava que ele me pedisse em casamento até o ouvir dizer que podíamos voltar para trás. Como quando não sabemos o que queremos jantar e alguém sugere comida chinesa; só então percebemos que o que queríamos mesmo era comer um hambúrguer.

— OK — disse eu, começando lentamente a recuar e a virar o corpo. O momento pareceu-me um fiasco por dois motivos. Pensei em todas as pessoas que tinha visto a descer a montanha. Pareciam vitoriosas. Quando comecei a descer a montanha, sabia que iria parecer vitoriosa a todos os que por mim passassem. O que só prova a semelhança entre o fracasso e o sucesso. Às vezes, só nós sabemos a verdade.

— Espera aí — disse o Ryan. Baixou-se para ajeitar a mochila e eu assustei-me, pois estava perigosamente perto da beira da escada. Parecia que podia escorregar e cair para a catarata.

Mas não caiu. Estendeu a mão e pousou cuidadosamente um joelho sobre um degrau periclitante. Olhou para mim e disse:

— Lauren, eu amo-te mais do que tudo na vida. És a minha razão de ser. Fazes-me mais feliz do que tudo o que já conheci. Não consigo viver sem ti. — Estava a sorrir, mas os cantos da boca tremiam-lhe. A voz começava a perder a confiança, tornando-se trémula. Reparei que o grupo à nossa frente se virara para trás. Um grupo de miúdos uns degraus abaixo do Ryan parou e ficou à espera.

— Lauren — disse, já mal disfarçando a emoção —, casas comigo?

De repente, aquela cascata pareceu-me a queda de água mais impressionante que já vira na vida. Desci os degraus a correr até ele e sussurrei-lhe ao ouvido: «Sim». Não houve um momento

de hesitação. Não houve nada a não ser a minha resposta absoluta e definitiva. *Sim. Sim. Sim. Estás louco? Sim.*

O Ryan abraçou-me e eu comecei a chorar. Subitamente, senti a energia de dez homens. Sabia que, se continuássemos, conseguiria subir aquelas escadas. Chegaria ao topo daquela maldita montanha.

O Ryan virou-se e gritou:

— Ela disse que sim! — As pessoas começaram a aplaudir. Ouvi a voz do Ryan ecoar pelo desfiladeiro. Uma mulher gritou: — Parabéns! — Juro que parecia que todo o Yosemite estava envolvido.

Continuámos e, numa hora, chegámos ao topo. Vernal Fall era mais bonita do que alguma vez poderia imaginar. Eu e o Ryan deixámo-nos ficar um pouco, banhando os pés num grande riacho, deixando a corrente lavar-nos, vendo os esquilos a comerem nozes e os pássaros a voarem no céu. Falámos sobre o futuro enquanto comemos as sanduíches que tínhamos preparado. Falámos sobre possíveis datas para o casamento, sobre quando teríamos filhos, se compraríamos uma casa. Achámos que o casamento poderia ser dali a um ano. As crianças podiam esperar até aos 30. A casa logo se veria. Talvez por estar física ou figurativamente nas nuvens, senti que o sol brilhava mais intensamente nessa tarde, que o mundo era meu. O futuro parecia tão fácil.

Quando finalmente fomos embora, foi com pesar. O que eu sentira não ser capaz de fazer, não valer a pena, começava a parecer a única coisa importante que alguma vez fizera.

HÁ ALTURAS EM QUE O AMOR PRECISA DE SER REDESCOBERTO

Lauren e Ryan conheceram-se na faculdade e viveram uma emocionante história de amor durante anos, mas quando a passagem do tempo e as rotinas associadas à relação começaram a ter efeitos nefastos, perceberam que teriam de tomar uma atitude. O plano que traçam pouco tem de convencional, mas será a única forma de descobrirem o que realmente querem um do outro.

O resultado é uma jornada de autodescoberta para Lauren, que depressa se apercebe de que os seus amigos e familiares têm ideias muito próprias acerca do casamento, o que acaba por transformar também a forma como ela vê as relações, levando-a a questionar o que até então considerava uma certeza.

Afinal, até que ponto estará ela disposta a lutar?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-596-209-9



9 789895 962099